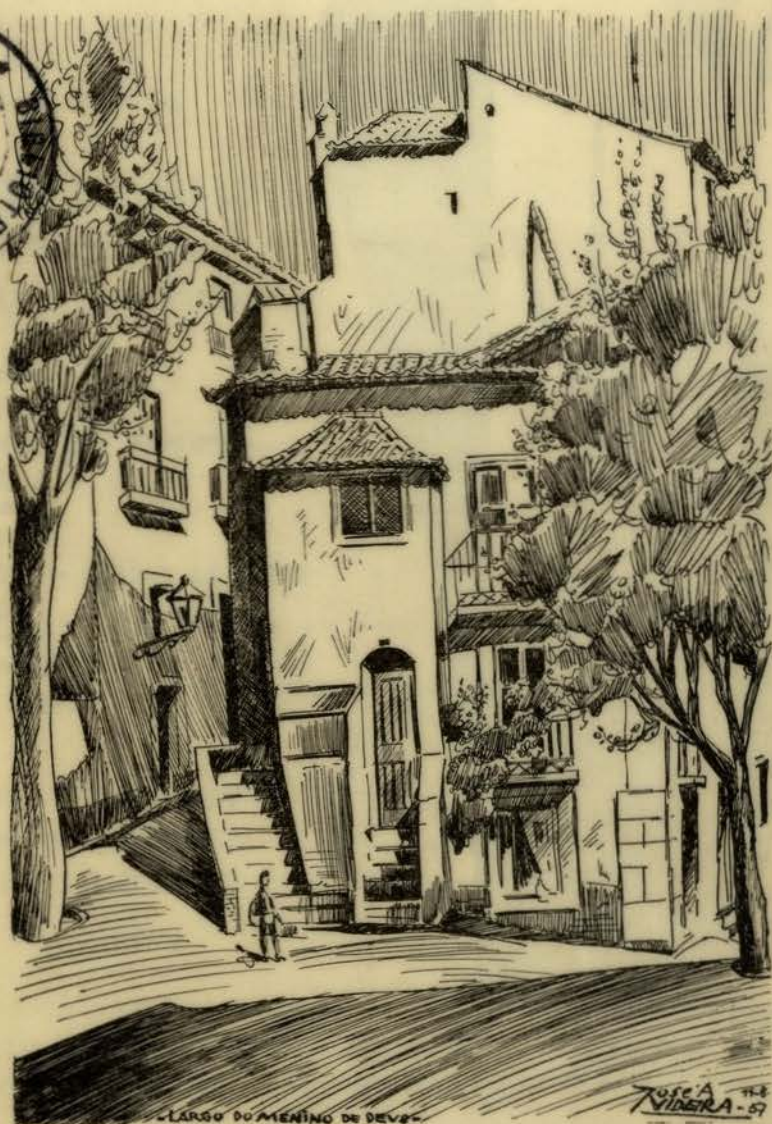


OLISIPO

Boletim Trimestral

Grupo Amigos de Lisboa



ANO XXV—N.º 97

JANEIRO 1962



S.G.

SOCIEDADE GERAL

**DE
COMÉRCIO,
INDÚSTRIA
E
TRANSPORTES**

CARREIRAS REGULARES

**DIAS 10, 15 e 25 DE CADA MÊS
METRÓPOLE • CABO VERDE
E GUINÉ**

MENSAIS

**METRÓPOLE • S. TOMÉ E PRÍNCIPE
E A N G O L A**

DE 21 EM 21 DIAS

**NORTE DA EUROPA • LISBOA, MATADI
E A N G O L A**

SEMANAIS

ANVERS • PORTUGAL

**TRAMPING — TRANSITOS
SERVIÇO DE REBOQUES
FLUVIAIS E DE ALTO MAR**

**LISBOA • R. DOS DOURADORES, 11 • TELEF. 3263145 • 345136 • TELEG. GERAL
PORTO • R. SÁ DA BANDEIRA, 82 • TELEF. 27363 • TELEG. GERAL PORTO**

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. João Augusto Bexiga

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Sílvio Guimarães

Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau

ORGANISMO
CORPORATIVO

Criado pelo decreto-lei número 26 06, de 23 de Novembro de 1935,
ao qual compete fomentar a Indústria da Pesca do Bacalhau

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE



SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

CAPITAL E RESERVAS
Esc. 378.346.236\$33

CORRESPONDENTES EM TODO O PAIS

Sede: Largo do Corpo Santo, 13 - Lisboa - Tel. 3 03 21

Oferta
27. JUL. 1988

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXV

JANEIRO DE 1962

NÚMERO 97

Director, o Presidente da Junta Directiva

FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16



SUMÁRIO

	Pág.
NO CENTENÁRIO DA MORTE DE D. PEDRO V por <i>Mário Costa</i>	3
NA INAUGURAÇÃO DA LÁPIDE DE SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES pelo <i>Doutor Eduardo Neves</i>	27
ACTIVIDADE CULTURAL	30
FEIRA DA LADRA	32
ACÇÃO CULTURAL DURANTE O ANO DE 1961	33
CAPA: Casa Quinhentista do Largo do Menino de Deus - Desenho de <i>José Antunes Videira</i> .	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

OLLEIPO

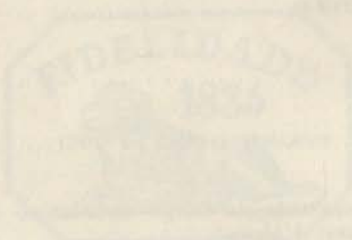
BOLETA TRIBUTARIA

Impuesto de Renta de Bienes

El presente es un extracto de la Declaración de Renta de Bienes que el Sr. D. [Nombre] ha presentado en el año 1914. El Sr. D. [Nombre] declara haber percibido en el año 1914 una renta líquida de [Cantidad] pesetas, que ha pagado en concepto de impuesto de renta de bienes la cantidad de [Cantidad] pesetas.



DECLARACION DE RENTA DE BIENES



El Sr. D. [Nombre] declara haber percibido en el año 1914 una renta líquida de [Cantidad] pesetas, que ha pagado en concepto de impuesto de renta de bienes la cantidad de [Cantidad] pesetas.

NO CENTENÁRIO DA MORTE

de

El-Rei D. Pedro V

(1861 - 1961)

por MÁRIO COSTA

A Rainha Senhora D. Maria II casara em 2.^{as} núpcias, a 9 de Abril de 1836, com o duque de Saxe Coburgo-Gotha, D. Fernando de nome, natural de Viena, como era também a Mãe da Soberana. Desse consórcio real nasceram o príncipe D. Pedro e os infantes D. Luís, D. João, D. Maria Ana, D. Antónia, D. Fernando e D. Augusto. Mais quatro filhos (dois de cada sexo), não sobreviveram. O primogénito veio à luz no palácio das Necessidades, a 16 de Setembro de 1837 e recebeu os nomes de Pedro de Alcântara Maria Fernando Miguel Gabriel Rafael Gonzaga Xavier João António Leopoldo Vítor Francisco de Assis Júlio Amélio de Bragança e Bourbon Saxe Coburgo-Gotha.

O habitual decreto, determinando as usuais festas, concluía assim:

«A Camara Municipal da antiga e leal cidade de Lisboa assim o tenha entendido e execute na parte que lhe toca, fazendo publicar o bando na forma do estilo em semelhantes ocasiões.»

O feliz acontecimento foi assinalado com uma salva de 101 tiros no Castelo de S. Jorge, a que corresponderam as embarcações de guerra e fortalezas do Tejo. Seguiram-se os repiques dos sinos de todas as Igrejas, sucessivas girândolas de foguetes, luminárias e uma grande alegria entre

o povo por saber ter nascido o herdeiro da Dinastia de Bragança. Sobresaiu a iluminação do Arsenal Real da Marinha.

No dia seguinte, como de costume, houve solene *Te-Deum* na Sé Patriarcal, a que assistiram el-rei D. Fernando e a imperatriz viúva.

No dia 1.º de Outubro, na capela real das Necessidades, com um cerimonial de grande estado, realizou-se o baptismo do novo príncipe. No paço, as salas da Tocha, do Docel e do Trono estavam ornamentadas com o maior esplendor, para receber os altos convidados. A sala dos Archeiros e as escadas revestiram-se de tapeçarias custosas e panos de rás. Armaram-se dois coretos no vestíbulo do paço e no adro da Capela Real, e esta foi completamente revestida, nas paredes e tetos, de riquíssimas armações de seda e veludo de cores, bordados a ouro e prata. O pavimento foi coberto de finas tapeçarias e do alto pendiam riquíssimos lustres. Por detrás do altar-mor saíam os harmoniosos sons da música vocal e instrumental da Real Câmara.

Sua Eminência o Cardeal Patriarca saiu de S. Vivente de Fora, a caminho das Necessidades, não no seu coche, mas antes numa «riquíssima cadeirinha de mão, levada por homens robustos, vestidos de veludo carmezim, com largos e ricos galões de ouro fino, seguindo-se depois o coche, e mais estado de Sua Eminência, sendo a causa disto, não os 81 anos de idade, que o respeitável Cardeal Patriarca Patrício da Silva contava, porém o ter quebrado uma perna, havia talvez dois anos» (1).

O cortejo veio à rua e passou por um estrado que atravessava o pátio interior do paço, continuava para o largo, prolongava-se até defronte da porta da capela e seguia para a entrada da mesma. Esse estrado, com 326 palmos de comprimento e 22 de largura, tinha uma teia de cada lado, tudo forrado com panos de rás e damasco e o pavimento coberto de tapeçarias.

O largo estava apinhado de povo. As fortalezas e embarcações de guerra nacionais e estrangeiras salvaram no momento da saída do cortejo e depois de concluída a cerimónia religiosa. Os sinos das Igrejas repicaram e à noite houve luminárias.

(1) *Memórias para a história de el-rei Fidelíssimo o Senhor Dom Pedro V e de seus Augustos Irmãos*, por Francisco António Martins Bastos, pág. 17.

A Rainha, por decreto de 2 de Outubro, perdoou aos réus de crimes civis, exceptuando os pronunciados por blasfémia contra Deus ou contra os seus Santos, fabrico de moeda falsa e outros grandes crimes. O dia 19 de Outubro, consagrado ao Santo de nome igual ao do futuro monarca, foi considerado de pequena gala.



O príncipe D. Pedro, que não nascera talhado para rei e menos esperava sê-lo tão cedo, tendo já prestado juramento como herdeiro da Coroa, em 26 de Janeiro de 1838, dirigiu-se às Cortes em 8 de Julho de 1852, para jurar fidelidade à Carta Constitucional, acto de real importância e de transcendente cerimonial, que deu lugar a dois dias de luzidos festivos, havendo baile no paço de Belém. Tinha 16 anos — na plenitude da maturidade — quando sua Mãe deixou este Mundo, legando-lhe o Trono de Portugal.

El-Rei D. Fernando, seu pai, tomou conta da regência. E D. Pedro V, obedecendo à vontade que era de sua Mãe, aproveitou o tempo que lhe faltava para atingir a maioridade, e foi percorrer o estrangeiro, pondo-se a par do grau de adiantamento em que viviam as principais cortes da Europa. Iniciou a rota em 28 de Maio de 1854, e deixou o Reino, novamente, em 20 do mesmo mês do ano seguinte.

Quando regressou da primeira viagem, em 15 de Setembro, como viesse de países onde grassavam febres, não quis abrir excepção e ficou a bordo, de *quarentena*, durante 48 horas, nos termos da lei vigente.

Salvaram os navios e as fortalezas de todas as vezes em que o rei saíu do país e nos seus regressos. E, na ocasião dos desembarques, além do mais, rezou-se na Sé em acção de graças e houve iluminação em toda a cidade.

A aclamação teve lugar a 16 de Setembro de 1855, precisamente no dia em que o rei atingia os 18 anos. O povo, representado por gente de todas as classes, vê a criança feita rei passar pelas ruas de Lisboa, aplaude-o com delírio, e acolhe um sorriso triste, de agradecimento.

As palavras que D. Pedro V proferiu, ao tomar conta da Coroa, logo denotaram a posse duma consciência segura:

«O ofício de rei é um dos mais difíceis, senão o mais árduo nesta época de igualdade e direitos civis.»

Mais tarde, dizia para o seu ministro, o general José Jorge Loureiro:

«Sòmente por infelicidade se pode ser Rei! E há ainda quem inveje o tremendo officio!» (2)

Depois da brilhante cerimónia nas Cortes, houve *Te-Deum* na Sé; e, no Terreiro do Paço, em pavilhão armado especialmente, o rei recebeu as chaves da cidade, das mãos do presidente da Câmara.

No dia seguinte houve beija-mão e banquete real na Ajuda. Em 18, de manhã, o rei passou revista às tropas no Campo Grande, e, à tarde, presidiu ao jantar de gala, também no paço da Ajuda.

O banquete e beija-mão, uma das mais célebres festas da Ajuda, pelo brilho e imponência com que se revestiram, rodearam-se do seguinte cerimonial:

«À entrada, na sala dos archeiros, estava perfilada a guarda de honra do Palácio. Seguia-se a sala dos Reposteiros belamente iluminada. O porteiro da Cana, conduzia os convidados até ao salão dos Particulares. Aqui, já os visitantes se deslumbravam pelo aspecto daquele Paço Real, cheio de luz e de côr naquela noite. Sucediã-se várias salas umas após outras, até que chegavam à lindíssima sala do Trono, vermelha avivada a ouro, ampla e grande, onde brilhavam lustres de Boémia e espelhos de Veneza. O rei D. Pedro V de rosto pálido, em que lhe transparecia uma expressão de quem visionava um futuro trágico, envergava o uniforme de grande gala. As damas da corte, apresentavam-se como últimos figurinos daquela época. A música, que aquele Rei tanto apreciava, ouvia-se na galeria. O banquete seguiu-se ao beija-mão, servido por criados de cabeleiras empoadas, e de calção e meias de seda. A baixela tilintava à proporção que os pratos se sucediam.» (3)

Grandes festas e iluminações na cidade e arredores. Repique de sinos na torre da antiga Patriarcal da Ajuda. Cavalhadas, danças campestres e fogos de artifício no Campo Grande, promovidos pela Câmara de Belém. Os mais velhos comparavam o que se deparava perante os olhos, com o que se apresentara nos bons tempos do senhor D. João VI. Depois do jantar, às 10 horas, o rei assistiu no Terreiro do Paço ao fogo de artifício.

(2) *O Segredo de D. Pedro V*, pág. 58.

(3) *Belém e arredores através dos tempos*, de José Dias Sanches, pág. 184.



D. Pedro V e D. Estefânia. Retrato tirado quando do casamento dos Soberanos

(Ilustração Luso-Brasileira)

D. Pedro V escolheu o paço das Necessidades para sua residência e determinou que os seus criados particulares passassem a usar farda bordada a ouro e prata, em vez de farda de galão de ouro.

Bulhão Pato descreveu desta forma a figura de D. Pedro V, que viu muitas vezes, sempre fardado de general e de espada:

«Alto, distintíssimo, sereno, parecia envolvê-lo um nimbo refulgente de bondade! As pupilas nadando no esmalte das escleróticas. Cutis finíssima, na transparência da pele contavam-se-lhe as veias azuladas. Cabelo loiro acendrado, caindo em natural desalinho sobre a testa e as fontes. Boca graciosamente recortada, e vermelha. O beijo inferior um pouco grosso, mas não belfo, como o dos Braganças. A sua expressão habitual era meditativa. Quando sorria, a primavera ridente da mocidade varria as nuvens, que, não raro, toldavam o coração do príncipe.» (4)

Rebello da Silva sintetizou desta forma o carácter do rei e o que foi o seu reinado:

«Rei de paz, subiu os degraus do trono com a espada na bainha. Rei de amor, o ceptro em suas mãos foi sempre um símbolo da brandura e mansidão. Modesta na aparência, gloriosíssima nos resultados, a sua obra consistiu em unir a coroa e o país pelos vínculos mais estreitos, em consolidar as bases do sistema representativo pelo consórcio do poder com a liberdade.» (5)



A este novo rei destinaram como noiva a princesa de Hohenzolern, D. Estefânia Josefina Frederica Guilhermina. O negociador do casamento foi o conde de Lavradio (D. Francisco de Almeida Portugal), que, por ter tido igual incumbência quando do casamento de D. Maria II com D. Fernando, lhe ficaram chamando «Feliz casamenteiro».

O duque da Terceira, na qualidade de ministro plenipotenciário, foi enviado a Dusseldorf, com a incumbência de conduzir a futura rainha a Portugal.

O contrato nupcial assinou-se em Berlim em 29 de Abril de 1858, e, para a cerimónia religiosa, em Lisboa, foi escolhido o amplo e suntuoso templo de S. Domingos.

Em 18 de Maio, o rei foi ao encontro de sua esposa, que se encontrava no Tejo, a bordo do navio *Bartolomeu Dias*. A Rainha, cândida e

(4) *Memórias*, vol. II, pág. 211.

(5) *Elogio histórico de Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Pedro V*, pág. 23.

inocente, corre ao encontro do seu amado. O Rei beija-lhe a mão. Ficam presos um do outro. Começa o romance de amor, tão funestamente desenrolado.

A Rainha, com a faixa da Ordem de Santa Isabel, vestia de branco, com enfeites de renda, murta e flores de laranjeira, como branco era o finíssimo véu de rendas, que a envolvia toda. Cingia-lhe a cabeça um diadema com mais de 4 000 diamantes, e, na mão, segurava um lindo ramo de flores artificiais de laranjeira (6).

Desembarcaram no Arsenal da Marinha e encaminharam-se para o pavilhão armado no Terreiro do Paço, onde estava o rei D. Fernando, as infantas D. Mariana e D. Antónia e o infante D. Luís, rodeados da Corte e alto funcionalismo. O presidente da Câmara entrega à Rainha as chaves da cidade.

Seguidamente, por entre os vivas do povo, que em magotes enchia as ruas do percurso, o cortejo tomou a direcção do templo dominicano, onde os jovens noivos receberam as benções de Deus (7).

Ela — um espírito simples e bom, como só se encontram nos contos de fadas —, pertencente a uma família em que as princesas são «figuras de legenda e mães de altar» (8), vinha juntar-se ao seu príncipe enamorado, com que talvez tivesse sonhado, ao ler em criança esses contos fantásticos, espelho dos simples e dos bons.

Quando a Rainha, ainda dentro da Igreja, cingia a coroa de ouro (9), viu-se-lhe na testa um fiosinho de sangue, que corria dum ferimento provocado pelo peso do símbolo da realeza que a Rainha pediu para ser substituído. E assim se fez.

O povo, que logo vira um mau preságio no que sucedera, mais surpreendido ficou quando a sua rainha apareceu com uma grinalda de rosas,

(6) Oferta do grande artista Constantino, florista de fama universal, a quem António Feliciano de Castilho chamou «Rei dos floristas». Vide *O Jardim Constantino e o seu titular*, do autor.

(7) O marquês de Lavradio possuía em sua casa um quadro representativo desta cerimónia, em que entravam as mais categorizadas figuras da época (*As Alianças das Casas de Bragança e Hohenzolern*, pág. 58).

(8) *As Alianças das Casas de Bragança e Hohenzolern*, pág. 22.

(9) Com magníficos diamantes e valiosíssimos brilhantes, tendo a forma de uma coroa de madona da idade-média. Oferecida pelo rei. Custou 86.953\$830 réis.

como as que as grandes damas usavam nos saraus e nos teatros. E, exclamou pesaroso e desolado:

«Coitadinha! Já vai de capela, vai morrer, vai amortalhada!»

Outro acontecimento serviu para dele se tirar mau agoiro: com o vento, quebrou-se a coluna alegórica do Himineu, trabalho de Cinati, que, para as festas, se armara no Rossio.

Pela primeira vez não houve beija-mão ao rei e aos príncipes, praxe que D. Pedro V resolveu abolir, reservando-a só para a Rainha ⁽¹⁰⁾.

Este casamento de dois corações, talvez talhados um para o outro, fez a aliança da Casa de Bragança com a de Hohenzolern e foi comemorado com saraus e outras festas e regozijos públicos durante cinco dias. Iluminações, recepção no paço, espectáculos de gala nos teatros, inauguração de escolas e associações e fogo de artifício. A solicitação do rei, o dinheiro que o Município de Lisboa havia de gastar em festas, foi destinado à fundação do *Asilo da Ajuda*.



D. Estefânia tocava piano com muita distinção. Recebia duas vezes por semana. Os serões na sua Câmara, também em dias certos, eram animados e plenos de elevação. A eles assistiam sempre a duquesa da Terceira (sua camareira-mor), as suas damas D. Maria de Sousa Coutinho, D. Gabriela Coutinho, condessas de Farrobo, da Torre, Lumiares e Galveias e outras senhoras muito distintas e inteligentes, a que presidia a viscondessa de Asseca.

A Rainha tomou grande apreço pela vila de Sintra. D. Pedro V preferia Mafra. Era lá, no remanso do velho paço, que melhor podia entregar-se aos seus contínuos trabalhos.



Este nosso rei, sempre envolto numa triteza gélida, teve o condão de se insinuar na alma do povo, despertando uma simpatia que não é vulgar.

⁽¹⁰⁾ Programa das festividades pela recepção pública da Rainha (*Diário do Governo*, n.º 107, de 8 de Maio).

Um dia, ainda príncipe, D. Pedro V apareceu com o semblante mais triste do que era normal e confidenciou ao seu professor de latim que, durante a noite, tivera um pesadelo que muito o impressionara:

«... sonhei esta noite que uma águia me levantava às nuvens; que, lançando-me da maior altura, fez com que me despedaçasse, caindo eu sobre a terra, subindo ao mesmo lugar onde me levantara, o meu mano Luís. Terrível pesadelo foi este; parece-me que ainda sinto a queda.» (11)

Foi talvez o seu conhecido semblante, vizinho do romântico, que fez gerar um grande e fatal amor no coração duma fidalguinha, familiar do paço, que abrigava no seu seio as melhores qualidades para agradar a um espírito jovem e amante. Maria da Conceição era o seu nome. A sonhadora viveu durante algum tempo num permanente enleio. O general Cláudio de Chaby, que a conheceu em 1855, deixou dela a seguinte legenda:

«Era, e sem favor algum, a fidalga mais interessante que tinha a Aristocracia daquele tempo!...»

Essa paixão — que poderia dar uma sentimental novela de amor — foi explorada por um fidalgote de mau gosto, que se entreteve a alimentar esperanças, no espírito ingénuo da bela enamorada. E a jovem veio a conhecer o logro em que se tinha deixado enredar e entrou em penoso viver, entregando-se à sua dor. Isolou-se e extinguiu-se, morta de amor (12).



Aquele distinto general, que sabia muitas coisas do seu tempo, em conversa com Júlio de Sousa e Costa, trouxe à baila outros episódios, em que entraram como heroínas duas artistas dramáticas de primeiro plano.

A primeira, Manuela Rey, morta em plena mocidade — 22 anos de radiosa esperança e grande formosura — parece ter exercido sobre D. Pedro V uma poderosa influência, quando aparecia no palco a representar. O rei quis conceder-lhe o oficialato da Ordem de S. Tiago. A política meteu-se de permeio e disse-se que D. Fernando chegou a intervir junto do rei.

(11) *Memórias para a história de el-rei Fidelissimo O Senhor D. Pedro V e de seus Augustos Irmãos*, pág. 27.

(12) *O Segredo de D. Pedro V*, págs. 70 a 76.

Tratar-se-ia de atracção amorosa ou apenas admiração pela arte ⁽¹³⁾?

A outra era Emília das Neves — a linda Emília! Tinha um temperamento muito exaltado e estava destinada a causar dissabores a todos os seus apaixonados. Como a outra artista, convenceu-se de que D. Pedro V a distinguia com um sentimento que ía além da simpatia, como se murmurava entre bastidores.

Contava-se que, João Anastácio Rosa, o ensaiador, lhe dissera um dia, vendo-a distraída:

«— Oh Emília, você está a pensar no seu papel ou em Sua Majestade?»

Emília das Neves, que concentrava um génio pouco domável, respondeu enfurecida e fazendo alusão aos antecedentes do admoestador:

«— Você, Rosa, há-de mostrar sempre que foi, é, e há-de ser: um horrível sargento!... Um tarimbeiro!...» ⁽¹⁴⁾



D. Pedro V parecia-se muito com sua Mãe. Era simples, modesto, estudioso e aplicado. Tinha vontade firme e não gostava de que o contrariassem. Sentia-se bem no isolamento. Punha de parte as festas e os bailes, para se encerrar no gabinete de trabalho, entregue ao estudo dos problemas que se antepunham e no desejo de remediar a situação social das classes menos favorecidas.

Dedicou à instrução um particular interesse. Fundou uma escola primária em Mafra e outra nas Necessidades. Visitava com frequência a *Casa Pia*, a que deu o título de Real, assistia às aulas e aos exames e interrogava os alunos com umas maneiras e afabilidade tais, que causavam admiração e simpatia a professores e alunos.

Fundou o Curso Superior de Letras ⁽¹⁵⁾, o Hospital de D. Estefânia ⁽¹⁶⁾ e o Observatório Astronómico da Ajuda ⁽¹⁷⁾.

⁽¹³⁾ *O Segredo de D. Pedro V*, págs. 121 a 131.

⁽¹⁴⁾ *Idem*, págs. 180 a 186.

⁽¹⁵⁾ Carta de lei de 8 Junho de 1859. Destinou 63.800\$000 para um fundo permanente. Inaugurado a 14 de Janeiro de 1860.

⁽¹⁶⁾ Em 17 de Julho de 1861. Para a sua fundação contribuiu com 30 contos da sua dotação.

⁽¹⁷⁾ Principiou a edificar-se em 11 de Março de 1861.



*Recepção da Rainha D. Estefânia no Pavilhão armado no Terreiro do Paço,
no dia do casamento*

(Des. de Nogueira da Silva – Grav. de Coelho – Arquivo Pitoresco)

D. Pedro V lia muitíssimo. Embrenhava-se nos tratados de física, matemática, botânica, geografia, química e medicina. Tocava piano. Recitava de cor os poemas que lia e lhe agradavam. Desenhava, pintava e ensaiou a escultura. Também tentou a poesia e deixou uns versos a que deu um título bem denunciador do âmagô e sensibilidade do seu espírito — *Melancolia* ⁽¹⁸⁾.

⁽¹⁸⁾ Manuscrito encontrado na Ajuda, a que o conselheiro Júlio de Vilhena deu publicidade (*D. Pedro V e o seu reinado*, vol. II, pág. 361).

Dedicava-se à caça, quando estava em Vila Viçosa, Mafra ou Alentejo. Todos os dias passeava a cavalo pelas ruas de Lisboa. Diariamente dava uma volta pela quinta anexa ao paço das Necessidades e desde pequeno que, com seu irmão Luís, se entretinha no cultivo de flores, em canteiros que estavam à conta dos dois príncipes. Fazia grande gosto no seu museu de insectos, com predomínio de borboletas, que criou e desenvolveu.

Deram-lhe os melhores professores de letras e ciências. Teve António Hermann Roeder em ginástica, Henrique Petit em esgrima, Manuel Inocência dos Santos (professor do Conservatório) em música, e, embora não tivesse simpatia pela dança, aceitou as lições de mestre José Zenóglia.

Esta anotação, feita pelo rei no seu *diário*, ao voltar de S. Carlos, na noite de 10 de Junho de 1854, mostra que nem os bailados lhe davam gosto:

«Raras vezes olhei para a cena durante a dança.» (19)

Júlio de Vilhena, o antigo ministro de estado que estamos consultando, vem agora afirmar:

«Aos dezoito anos sabia tudo, porque muito lhe tinham ensinado e muito também tinha aprendido nos livros, nas viagens e no trato como os homens eminentes do seu país.» (20)

Quando ainda era bastante pequeno, já procurava conversas com os velhos, de preferência à intimidade que podia ter com os da sua idade. A justificar essa sua tendência, disse um dia ao seu professor de latim:

«Que proveito, ou que instrução posso eu tirar de conversas com rapazes?» (21)

D. Pedro V era amigo íntimo de Alexandre Herculano, que D. Fernando, com o vencimento anual de seiscentos mil réis, fizera bibliotecário da Ajuda, dando-lhe o encargo de organizar também a biblioteca das Necessidades (22). Frequentava com assiduidade a casa do brilhante escritor, na Ajuda, que os amigos classificaram *O Eremitério*.

(19) *Lugar citado*, pág. 368.

(20) *Idem*, vol. I, pág. 11.

(21) *Memórias para a história de el-rei Fidelíssimo O Senhor D. Pedro, V e de seus Augustos Irmãos*, pág. 51.

(22) Esta biblioteca, em 1857, juntou-se à da Ajuda.

Batia à porta com humildade, e, lá dentro, depois dum respeitoso «Dá licença? Seja Deus nesta casa!», deliciava-se a ouvir o historiador, com quem conversava sobre arte, literatura, história, e, às vezes, de política.

Herculano, que havia de chorar como uma criança, no funeral deste rei bondoso e recto, em 1859, numa conversa com o general de divisão Carlos Maria de Caula, teve ocasião de chamar-lhe «um ancião de vinte e dois anos» (23).

O rei fazia quase sempre o caminho a pé e sozinho, desde as Necessidades, atravessando a Tapada da Ajuda.

Uma vez, encontrou aí o pequeno «Caracoes» que não o conhecia e que se lhe dirigiu assim:

«— Sr. militar, vai para casa do sr. Herculano? Eu bem sei onde ela fica.

E, saltitando, como a arveloa, no chalar infantil — teria uns seis anos — lá o foi acompanhando, perguntando-lhe quem era, e de onde vinha, com o maior desassombro.

Quando D. Pedro voltou trouxe-lhe um papelucho de bolos. O pequeno, que já estava amestrado para o tratar com todo o respeito, exclamou:

— Muito obrigado, senhor Rei. Vossemecê quando volta cá?

Nesse dia, à despedida, D. Pedro V disse para Herculano:

— Já me tenho demorado muito. Está lá fora, à espera, o meu amigo *Caracoes*.

— *Caracoes*? Um pequeno de cabeleira loira?

— Esse mesmo.

À cabeleira, digna do pincel de Leonardo de Vinci, devia o apelido.

D. Pedro contou, rindo, as suas relações com o pequeno. As almas simples amam a infância. Christo trazia a si os pequeninos!» (24)

Júlio César Machado deixou para a posteridade o relato de um outro episódio, que mostra bem a simplicidade e a modéstia de D. Pedro V:

«De uma ocasião na sala do risco, el-rei D. Pedro V passeava com o duque de Loulé, conversando; o povo na galeria, entretinha-se em olhar para eles. Era um rei muito estimado, e que tinha sobre todas a virtude de maior apreço para portugueses, a modéstia; dir-se-ia que pedia desculpa à gente de ser rei. O duque dava, como de razão, a direita ao monarca, e apressava ou retardava o passo conforme o andar da majestade ia indicando; nisto, el-rei passa-lhe o braço por cima do ombro.

(23) *O Segredo de D. Pedro V*, pág. 55.

(24) *Memórias*, de Bulhão Pato, vol. II, págs. 213-214.

O duque parou, esquivou-se brandamente, e, virando-se para el-rei, fez-lhe uma venia.

Depois continuaram a passear.

Dali a pouco, o senhor D. Pedro V tornou a esquecer-se, ou quis lembrar-se, Deus sabe qual das razões houve, e tornou a passar-lhe a mão pelo ombro.

O duque tornou a parar, esquivou-se de novo brandamente, e fez nova vénia a el-rei como se lhe dissesse:

— Meu senhor, eu não sou rei, nós não somos iguais, e, agradecendo respeitosamente esse favor, ao mesmo tempo indico a Vossa Majestade que tal familiaridade não aumentava a benevolência de el-rei e diminuía o acerto e bom gosto da minha modéstia e do meu orgulho.» (25)

D. Pedro V teve como secretário particular o major Joaquim Pinheiro Chagas, notável escritor como seu filho, Manuel Pinheiro Chagas.

A morte daquele oficial (26) causou um grande desgosto ao soberano. A sensibilidade do seu espírito tornou-o enfermo durante cinco dias.

Manuel Pinheiro Chagas (27) era então alferes e estudava na Politécnica. D. Pedro V deliberou estabelecer-lhe uma mesada de trinta mil réis.

Mas o jovem Chagas fazia uma vida larga de grande boémio. Montava cavalo seu e frequentava os melhores centros de diversão. No «Passeio Público» entretinha-se com a estonteante Pauline; no «Circo Price», aca-maradando com o marquês de Castelo Melhor e Campos Valdez, reques-tava a linda amazona Hole Guerra, que fez as delícias da sua geração; frequentava o «Café Concerto» do Largo da Abegoaria, onde andava de gorra com as cancanistas elegantes; era assíduo no «Café Marrare», onde se juntava com os principais literatos; tornou-se figura marcante nos bailes de máscaras de «S. Carlos» e um dos principais *dilettanti* nos espectáculos da ópera. Acompanhado por D. João de Menezes, Bulhão Pato, conde de Rio Maior, D. José Coutinho, D. José de Almeida e Lencastre, Silva Canelas e Eugénio Masoni, fez coro nos aplausos e na defesa da sua preferida, Marcelina Lotti della Santa.

A um dos espectáculos em que entrou aquela cantora, assistiu D. Pedro V, vestindo a sua farda de general que nunca abandonava,

(25) *Lisboa de ontem*, págs. 245-246.

(26) Em 3 de Dezembro de 1859.

(27) Este escritor conservou por toda a vida os retratos de D. Pedro V e de sua esposa, que o rei oferecera a seu pai, com autógrafos. (*Fotografias de Lisboa*, de Alberto Pimentel, pág. 55). — Aos seus grandes amigos, D. Pedro V oferecia de preferência o retrato da esposa falecida, com expressiva dedicatória.

sisudo, muito concentrado. Não gostou da atitude bulhenta do seu protegido e fez-lhe constar pelo seu ajudante de campo que a mesada seria suspensa se continuasse essa vida turbulenta.

«Chagas respondeu que regulava o seu comportamento conforme lhe aprazia, não aceitando, portanto, imposições cominatórias. A resposta valeu-lhe a cessação da mesada, depois transferida para uma sua tia.» (28)



D. Pedro V deliberou, com o desagrado dos seus ministros, mandar colocar no átrio do paço das Necessidades uma caixa pintada de azul, para os pobres nela lançarem os seus pedidos de esmola; e outra, de cor verde, destinada aos que se quisessem dirigir ao rei com outras intenções (29).

A cólera morbus de 1856 e a febre amarela que graçou um ano depois, puseram à prova a sensibilidade do seu coração e o seu espírito caritativo. Visitou os hospitais, perdeu horas à cabeceira dos doentes mais perigosos, distribuiu os caldos e ministrava os remédios. Atribuíram à sua intervenção, considerando milagre, a cura de alguns casos de extrema gravidade.

A sua abnegação foi premiada com medalhas de ouro da cidade de Lisboa, da Câmara dos Olivais e da Sociedade Humanitária do Porto, as únicas que o rei ostentava com verdadeiro orgulho.

Na Câmara Municipal de Lisboa, no acto da entrega da medalha, em 28 de Março de 1859, disse o presidente:

«... modesto sinal da sua incomensurável gratidão», ao que o soberano respondeu: «vale infinito para Mim. Vale mais que tudo.» (30)

Além desta medalha, dum simbolismo tocante, cunharam-se mais as seguintes, neste reinado, destinadas a comemorar: o nascimento, a aclamação e o casamento de D. Pedro V; a sua visita a Bruxelas e a estada em França; a inauguração do caminho de ferro de Lisboa ao Carregado; a Exposição Agrícola do Porto em 1857; e a inauguração dos trabalhos para a construção do Palácio de Cristal do Porto. Para premiar os alunos

(28) *Lisboa de outrora*, vol. I, pág. 59.

(29) *Diário do Governo*, n.º 221, de 19 de Setembro de 1855.

(30) *Lugar citado*.

das Escolas reais de Mafra e das Necessidades, criou o rei medalhas especiais, com a sua efigie.

No primeiro aniversário natalício depois da sua coroação, e porque o povo estava imensamente grato ao seu rei pela atitude que assumira durante a primeira peste, o «Centro Promotor das Classes Laboriosas», que desde 1853 marcava pela sua preponderância, promoveu em honra de Sua Majestade uma manifestação pública de simpatia.



Em 16 de Setembro de 1856 D. Pedro V teve a satisfação de ver a funcionar o telégrafo eléctrico, entre o Terreiro do Paço, as Cortes, o paço das Necessidades e a vila de Sintra; e, em 28 do mês seguinte, procedeu à inauguração oficial do caminho de ferro de Lisboa ao Carregado, que constituiu acontecimento nacional ⁽³¹⁾. A partida foi anunciada com uma girândola de foguetes e salvas no Castelo de S. Jorge e nas embarcações surtas no Tejo. Nas duas estações extremas, prestaram-se honras militares, e a elas se associou a guarda real dos archeiros, imponente nas suas fardas de gala, muito vistosas.

Na viagem de volta deu-se um acontecimento desagradável, e que muito desgostou o rei. O comboio real, ao chegar a Sacavém, teve que ser desdobrado, por a máquina haver perdido vapor. Partiu para ali outra locomotiva que trouxe a composição que ficara retida.



A Corte de D. Pedro V, demasiadamente triste enquanto o rei se manteve solteiro, pouco se alterou depois do seu casamento. Apenas as infantas D. Maria Ana e D. Antónia punham em jogo a sua graça, mocidade e gentileza, fazendo o possível por quebrar o gelo que tornava pesado o ambiente do paço.

Com a morte de D. Estefânia, que, embora não fosse de grandes expansões, possuía um espírito que encantava, voltou o silêncio e a sombra.

⁽³¹⁾ Já em 29 de Outubro de 1854, se puzera em marcha, pela primeira vez, o caminho de ferro de Sacavém a Vila Franca.



*No casamento de D. Pedro V. Perspectiva da Praça de D. Pedro IV,
através do arco levantado na Rua Aurea*

(Des. de Nogueira da Silva - Grav. de Coelbo - Arquivo Pitoresco)

Marcou pela distinção o primeiro baile real deste reinado, a 5 de Fevereiro de 1855, no paço de Belém, em honra do príncipe de Gotha, que veio de visita à Família Real.

À entrada viam-se os archeiros, irrepreensíveis nas suas fardas amarelas, riscadas a vermelho, de bicórneo e lanças. A infanta D. Ana de Jesus Maria fazia as honras da casa. Rodeavam-na as mais gentis damas da Corte, as condessas de Belmonte e das Antas, as viscondessas de Tavares, da Luz e de Charruada, a senhora Bastos Seisal, D. Maria Domingas (Viana) e D. Amélia Cantagalo.

No grupo masculino tomavam realce o ministro russo, Azeroff e o seu secretário Petterson; o representante dos Estados Unidos, de calça de casemira branca, fraque preto e colete branco; João Cantagalo, conforme o figurino de Napoleão III, de calção e meias brancas; o conde de Farrobo de calça de casemira branca e galão dourado; Correia Godinho, considerado um grande janota, com o seu colete de cetim branco bordado a prata; Duarte de Sá, de uniforme de coronel de milícias; e Petit, o mestre de armas, de casaca preta bem talhada.

Brilhavam veneras, os botões amarelos e as guarnições metálicas nas fardas dos militares, e as cores destas iam bem com o escarlate das librés dos moços fidalgos.

As damas estavam *coquettes* com os seus vestidos de baile, saídos das mãos das modistas francesas mais em voga, que faziam prodígios para realçar as belezas desses manequins humanos, que inventavam todas as artes para tentar o homem, se é que não era este a tentá-las primeiro...

Cinco dias depois, outro baile teve lugar e nele se distinguiu, como primeiro dançante, Mr. Saint-Robert, secretário do ministro da França. Entre o belo sexo fizeram furor M.^{me} Bastos Seisal, a condessa da Ribeira Grande (vestido com rendas da França) e a condessa de Tavares (unânimeamente distinguida como rainha do baile).

A ceia, animada como sempre, foi farta em refrescos e trouxinhas de ovos.

O concerto de 20 de Março do ano seguinte foi dedicado ao infante D. Luís e executado por um terceto composto de piano, rebecca e violoncelo, com composições de J. G. Daddi. Além deste exímio artista, entraram Vicente Masoni e Guilherme Cossoul.

Dissemos que D. Pedro V não tinha entusiasmo, nem sequer simpatia pela dança. E assim era.

Mas, para cúmulo da fatalidade, num baile a que assistiu na corte de Bruxelas, quando andou em viagem pelo estrangeiro, sucedeu-lhe que os sapatos de polimento, que calçava, estavam-lhe de tal forma apertados, que teve que aceitar um par de botas largas que o conde da Flandres lhe emprestou, como o rei escreveu no seu *Diário de Viagens*, a que deu publicidade o professor Dr. Melo Breyner ⁽³²⁾.

O ministro da França em Lisboa, marquês de Lille de Siry, entendeu comemorar a ascensão ao trono de D. Pedro V. E, para isso, em 3 de Outubro de 1855, nos salões do palácio Condeixa, na Rua da Horta Seca, ofereceu aquele diplomata «um dos seus mais elegantes bailes» ⁽³³⁾.

A alta aristocracia não quebrava o ritmo das suas lindíssimas festas. D. Pedro V, D. Estefânia e D. Fernando assistiam a algumas delas, promovidas pelo conde de Farrobo.



Durou pouco o noivado de D. Pedro V e D. Estefânia, dois iluminados, que o povo amava — ou melhor, venerava — e que apreciava encontrar nos jardins e nos arredores da Capital, em passeio a pé, de braço dado, irmanados num sonho que era todo do Céu, que para lá os chamou tão cedo!

O dia 15 de Julho de 1859, que era o do aniversário natalício da rainha, foi quase de luto. A soberana desde há uma semana que guardava o leito, sofrendo de angina diftérica. As comemorações oficiais tiveram a presidi-las a tristeza e a apreensão. As salvas de artilharia não estrondearam gala, porque ela não estava no ânimo do rei. A recepção no paço foi desoladora, tristonha. Os dias considerados solenes arrastavam sempre fatalidades! No ano anterior, o aniversário da rainha ficara marcado por um violento tremor de terra, de funestas consequências.

A doença manifestara-se na volta duma viagem, em que os dois amantes se mostraram felizes. O comboio especial que os conduziu a

⁽³²⁾ *Memórias*, vol. I, pág. 146.

⁽³³⁾ *Lisboa de outrora*, vol.III, pág. 75.

Lisboa, trazia a locomotiva revestida de camélias fazendo lembrar um canteiro de jardim.

O povo não ocultava a sua inquietação, temendo que se cumprisse uma conhecida profecia, que se guardava em respeito: *Quando o dia do Anjo Custódio cair a 17 de Julho, haverá luto nas testas coroadas!* E foi precisamente nesse dia, que expirou a rainha D. Estefânia!

Conheceu que a morte se avizinhava, essa excelsa rainha de Portugal! Nos últimos momentos, falando à imperatriz viúva, disse num suspiro: «Peço à Avó que mande dizer aos meus Pais, que os dias mais felizes da minha vida os passei em Portugal.» E, já sem forças: «Consolem o meu Pedro!...» E o esposo, já viúvo, escreveu muito contristamente:

«Era um coração para a terra e um espírito para o céu.» ⁽³⁴⁾

D. Pedro V tinha pela esposa um amor apaixonante, todo espiritual! Quizeram fazer-lhe novo casamento. Apontaram-se nomes. O rei opôs-se sempre. Viveria para a sua dor. O tempo decorria célere. E a morte, que já perseguia esse soberano sem par, apressou-se em chegar...

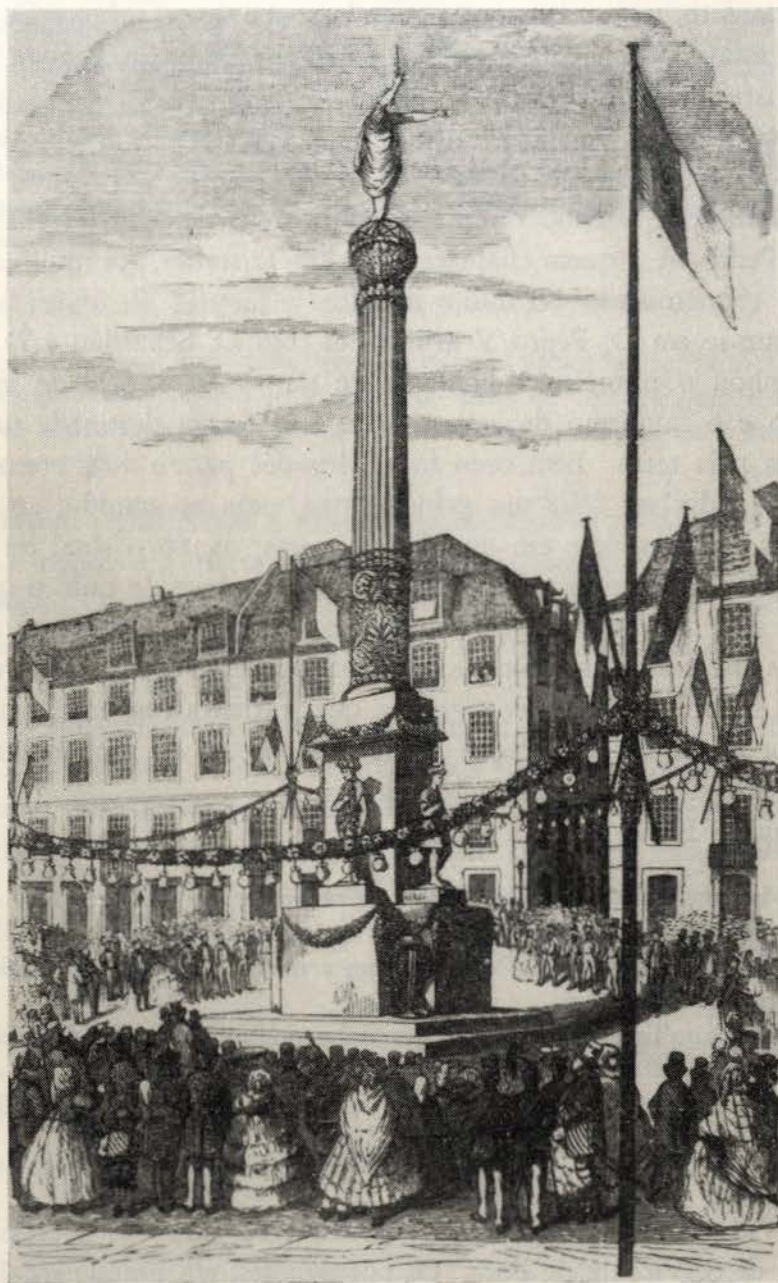


D. Pedro V sofreu muito, depois da morte da esposa. Não mais abandonou o luto. Nem as luvas pretas que usava com a farda.

A Corte tornou-se mais triste e o rei pouco tempo sobreviveu ao desenlace. Dois anos depois, na volta duma peregrinação pelo país, entra em Lisboa enfermo. Encontra no leito o seu irmão Augusto, que, com o seu outro irmão Fernando, se antecipara no regresso, vindo também a adoecer.

Estava-se em 1861. O povo sobressalta-se com os tristes factos e excita-se com os boatos que circulam. Sente muitíssimo a morte do infante D. Fernando, em 6 de Novembro, e fica inconsolável com a perda do rei, que se anuncia 5 dias após. Eram sete horas e um quarto da noite. Sem se importar com as chuvas fortes e o vento fustigante, a multidão aglomerada, permanece a pé firme no Largo das Necessidades, em frente do paço, aonde acorria diàriamente, para se pôr ao corrente do estado de

⁽³⁴⁾ Da carta escrita pelo rei ao seu presidente do Conselho, o duque da Terceira, em 21 de Julho de 1859. *As alianças das Casas de Bragança e Hohenzolern*, pág. 93.



Festas do casamento de D. Pedro V. Coluna erecta na Praça de D. Pedro IV

(Des. de Nogueira da Silva – Grav. de Coelbo – Arquivo Pitoresco)

saúde do enfermo real. O convencimento em que está, de que houvera envenenamento, mais se arraigou quando soube que o infante D. Augusto também estava atacado de moléstia, e, como medida preventiva, houvera sido transferido para o paço de Belém.

Finou-se o Rei devido a «tifo de mau carácter» — diagnosticaram os médicos ao autopsiar o cadaver.

Seis anos de reinado! Vinte e quatro anos de vida terrena!

D. Pedro V, a quem chamaram o «Rei-Tristeza», foi muito apropriadamente cognominado «O muito amado».

Viram-se em D. Pedro V afinidades com D. Sebastião e D. Duarte. Acompanhou o primeiro a bondade de um, a superioridade intelectual do outro e o fatalismo de ambos. Aos três estava destinada uma curta passagem pela terra. Bem cedo foram levados para a vida eterna.

Não podia ser feliz um príncipe que viera ao mundo, ao som das trombetas, que retiniam em dois lados postos, dando o sinal de combate entre irmãos do mesmo sangue! O seu reinado teve de tudo o que é trágico! Pestes, febres, grandes inundações, incêndios e tremores de terra.

Não lhe faltou um conflito de carácter diplomático, o apresamento da barca francesa *Charles et Georges*, que traficava com escravos; e, para ser maior a sua dor, D. Pedro V viu desaparecer do mundo um grande número dos seus mais devotados amigos.

Joaquim Leitão disse a-propósito:

«Os berços, embalados pelos ventos de revolução, ou dão exaltados ou melancólicos.

Filho de Reis, e Rei, D. Pedro V, com a mesma grandeza dos exaltados, foi nobremente um melancólico.

E os melancólicos são seres que, caminhando com a certeza de que todos os passos vão ter ao infortúnio, possuem a coragem moral de não se arredar e de prosseguir de olhos abertos para o infortúnio, fascinados pelo dever, reconciliados com o Destino.» ⁽³⁵⁾



Em 16 de Novembro, o préstito fúnebre saíu das Necessidades a caminho de S. Vicente de Fora. Os portugueses, em grande recolhimento, não podendo conter as lágrimas que incessantemente brotavam de seus

(35) *As Alianças das Casas de Bragança e de Hohenzolern*, pág. 145.

olhos, assistem, desvelados, à passagem do corpo do rei que lhes foi muito querido.

Um grande periódico lisboeta escrevia, em editorial, no seu número do dia seguinte ao do préstito real:

«Entrou nos paços derradeiros o herdeiro dos reis, que foi rei! Lá fica ao lado dos seus, sombra entre as sombras! O espírito volveu aos que o chamavam! A cinza reuniu-se às cinzas!»

E no relato do funeral:

«Há muitos anos, por certo, que Lisboa não presenciava um acto tão solene e tão majestoso como o que hoje se praticou. Mais de 100.000 pessoas foram no saímento de El-Rei o sr. D. Pedro, de boa memória, ou assistiram a esta lúgubre cerimónia...» (36)

Foi muito significativo o número de instituições de caridade erguidas em vida e depois da morte deste *rei saudade*, sendo os mais notáveis e progressivos o *Asilo de D. Pedro V* (37) e o *Albergue dos Inválidos do Trabalho* (38). E, a Capital do Norte, fez levantar uma estátua em bronze, sobre plinto de pedra, em que D. Pedro V se apresenta com a farda de tenente-general, cerimónia deveras tocante, efectuada em 3 de Fevereiro de 1866, a que assistiu o novo monarca e que ficou assinalada com a cunha-gem de uma nova medalha. Essa obra de arte, que se ergue na Praça da Batalha, foi reproduzida em prata e oferecida pela Associação dos Ourives do Porto à Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro, para ser vendida em leilão a favor do hospital que ia construir-se (39).



A regência foi mais uma vez entregue a el-rei D. Fernando. O infante D. Luís, herdeiro do trono, andava em viagem pelo estrangeiro com seu irmão o infante D. João. Quando desembarcou, haviam decorrido três dias sobre a data do falecimento de D. Pedro V.

(36) *Jornal do Comércio*, de 17 de Novembro de 1861.

(37) Vide *História do Asilo de D. Pedro V*, pelo Prof. Dr. Fernando Emygdio da Silva.

(38) Obra ingente de Joaquim Possidónio Narciso da Silva, o arqueólogo que cegou, e, mesmo nesse estado, pedia para ajuda da sua louvável e benemérita iniciativa, às portas das igrejas.

(39) *Arquivo Pitoresco*, vol. 7.º

O novo soberano, que sua Mãe fizera duque do Porto, tornou-se rei sem o saber, em pleno Oceano, a bordo dum vaso de guerra da nossa Armada.

Rezam as crónicas que jamais um príncipe real recebeu a notícia da herança da Coroa, com tanta tristeza e amargura. Viram-se-lhe lágrimas nos olhos. D. Luís só teve para dizer aos que se lhe apresentaram, prestando-lhe as homenagens de rei:

«— Que fatalidade! Que fatalidade!»

A *quebra dos escudos*, que ainda se cumpriu neste reinado, teve lugar no dia 26, procedendo-se de conformidade com as praxes officiais.

São estes alguns dos passos — muito poucos — em que ficam vinculadas a acção e virtudes do venerando Monarca, respigados da vastíssima bibliografia que documenta os principais actos e põe em evidência a excepcional figura de D. Pedro V, filho amantíssimo da Rainha Senhora Dona Maria II, modelo de Esposa e de Mãe, e em quem o illustre latinista Senhor Francisco António Martins Bastos, «Mestre de Suas Majestades e Altezas Reais», reconheceu tantas e tão raras virtudes.

«Rei morto! Rei posto!». Sentida exclamação, perene de luto e ao mesmo tempo de júbilo, que muito importava proclamar para assegurar a continuidade do regime, a que estavam entregues os nobres destinos da Nação. Sucedeu na ordem dinástica o Senhor D. Luís, que, dirigindo-se aos portugueses, usou desta enlutada expressão, que melhor serve para encerrar as nossas singelas palavras de louvor ao *Rei Soldado*:

«O país chora a morte do mais justo e ilustrado dos Soberanos, e Eu derramo lágrimas sobre a sepultura do mais caro dos Irmãos!»

(Extraído de *Da Vida Festiva da Corte*, obra inédita do autor, capítulo intitulado *D. Pedro V transmitiu à sua Corte a simplicidade de hábitos e a nostalgia do seu viver*).

NA INAUGURAÇÃO DA LÁPIDE
DE
SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES

Palavras proferidas pelo Secretário-Geral
Doutor EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES

EX.^{MO} SR. REPRESENTANTE DA EX.^{MA} CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EX.^{MO} SR. VICE-PRESIDENTE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

EX.^{MOS} CONSÓCIOS:

Em nome da Junta Directiva do Grupo «Amigos de Lisboa» apresento a V. E.^{as} os nossos agradecimentos pela comparência a este modesto mas simbólico acto, com que o Grupo resolveu, incluído nas cerimónias da comemoração do seu 25.º aniversário, que neste ano ocorre, marcar a sua posição nos lamentáveis acontecimentos deste ano, como já o fizemos em Agosto de 1954 a propósito do ataque de então à nossa Índia.

Particularmente, a S. Ex.^ª o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, agradecemos a colaboração da Ex.^{ma} Câmara na ornamentação deste local e o ter-se feito representar por pessoa tanto do nosso agrado, a Ex.^{ma} Sr.^ª D. Julieta Ferrão, nosso ilustre consócio, que sente e vive acontecimentos como este e a quem os Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, tanto devem pela sua cultura e desejo de bem servir, como sempre tem feito.

Não sendo a época actual para realizações festivas exuberantes, o Grupo entendeu levar a cabo esta manifestação patriótica que tem

em mira, sem intuitos políticos, de que não curamos, mas como afirmação patriótica, render homenagem aos que, com sacrifício e devoção, se empenham, a fundo, na defesa do solo pátrio, seja em que hemisfério for, simbolizando nesta homenagem ao pioneiro da reconquista de Angola, Salvador Correia de Sá e Benevides, aquela que prestamos a todos os que, desde há séculos, vêm cimentando, com o seu sangue e com os seus feitos, a afirmação perentória, que Portugal tem dispersos pelo mundo, pedaços tão portugueses como este solo pátrio em que vivemos.



A cerimónia da inauguração da lápide

Os «Amigos de Lisboa» realizaram há pouco, na sua sede, uma conferência e uma exposição sobre Nova Lisboa e vêm hoje, em que a Província de Angola sofre, lembrar, e deixar asinalado, ao homem que passa, que em 1688 foram depositados, atrás da Capela-Mor desta Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, do Convento dos Marianos, os restos mortais de Salvador Correia de Sá e Benevides, que nesta cidade morreu no seu palácio, então, aqui fronteiro, depois duma vida acidentada e gloriosa, ter reconquistado para Portugal, e acentuo, reconquistado, já na época da Restauração, há cerca de 400 anos, a nossa província de Angola, então na posse, ilícita, dos holandeses.

O tempo, com as suas vicissitudes, destruiu e apagou a memória, que uma lápida assinalava e os investigadores da história de antanho nos descreveram, mas os que, como os «Amigos de Lisboa» se debruçam sobre as glórias do passado, não esqueceram o facto e vêm aproveitar o doloroso transe que a todos aflige, para acentuar que, então como hoje, sempre que a ganância de uns ou a insensatês de outros, pretende diminuir, ou delapidar, o património pátrio, todos se levantam, unânimes, em defendê-lo, porque todos são portugueses e os «Amigos de Lisboa», apaixonados pela sua terra, cabeça do Império, são, como não podiam deixar de ser, também, amigos de Portugal, e, por isso, aqui estamos.

Românticos embora, enternecidos então, como agora, e já lá vão 25 anos após a sua fundação, os «Amigos de Lisboa» se se debruçam sobre os velhos templos, monumentos ou outros edifícios vetustos, não esquecem aqueles a quem devem respeito e veneração. Assim, no início das comemorações deste 25.º aniversário, foram a S. Vicente de Fora dar graças por terem perdurado um quarto de século e lembrar a memória dos que se finaram nesse lapso de tempo, rememoraram o seu conterrâneo Doutor da Igreja e Santo do Mundo, Santo António de Lisboa, com conferências e exposições na sua sede, e vêm hoje aqui lembrar o herói de que, os azares do tempo tinham feito esquecer o local da sua última jazida.

É esta a terceira lápida que os «Amigos de Lisboa», a suas expensas, afixam em imóveis da cidade, na casa onde nasceu Tinop, na Rua dos Arameiros, e no edifício da Calçada do Sacramento onde funcionou o primeiro Estudo Geral, precursor da primeira Universidade da época Dioniziana, além de outra, em colaboração com a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, na casa onde nasceu, na Rua dos Fanqueiros, o nosso falecido sócio fundador e Presidente da Assembleia Geral Ex.^{mo} Sr. Dr. Alberto Mac Bride Fernandes.

Só porem têm cumprido o seu dever, modesta e singelamente, mas convictos nas suas afirmações e sempre A BEM DE LISBOA, como é seu lema.

8-12-1961.

ACTIVIDADE CULTURAL

do Último Trimestre

A actividade cultural do último trimestre foi bastante cerceada pelos acontecimentos ocorridos na nossa Província Ultramarina do Estado da Índia, que fez com que fossem canceladas as nossas actividades a partir de 18 de Dezembro tendo sido transferidas o 39.º Colóquio Olisipoense anunciado para 21 de Dezembro em substituição da conferência «Lisboa e o poeta Afonso Lopes Vieira» do nosso consócio e director Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, conferência e exposição que devem realizar-se em Março próximo. Foi também adiada, pelo mesmo motivo, a sessão soléne de encerramento das comemorações do nosso aniversário em que devia proferir a sua conferência o nosso consócio Ex.^{mo} Sr. Dr. António Luís Gomes.

A nossa actividade começou a 12 de Novembro com a visita de estudo ao Palácio da Ega, onde está instalado o Arquivo Histórico Ultramarino, da direcção do Sr. Dr. Alberto Iria, que quiz ter a gentileza de, acompanhado do seu pessoa superior, dirigir a visita e dar a notícia histórica do Palácio e dos seus proprietários. As suas palavras serão oportunamente publicadas no OLISIPO.

A 16 do mesmo mês realizou-se a 38.ª sessão de Colóquios Olisiponenses, em que os consócios Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, Dr. Eduardo Neves e Mário Costa se ocuparam, respectivamente, de «Coisas de outros tempos», «Apontamentos bibliográficos e velhos livreiros de Lisboa», e «Evocações de D. Pedro V no centenário da sua morte». Esta última comunicação vem publicada neste número de OLISIPO.

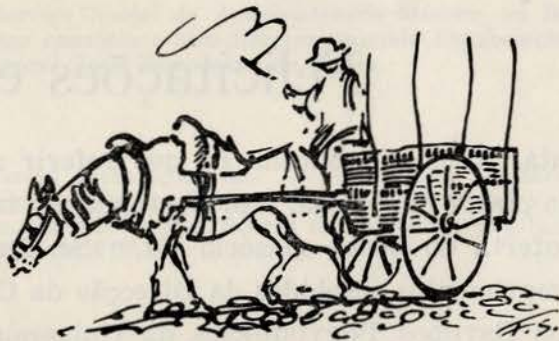
A 19 e 26, ainda de Novembro, realizaram-se as visitas guiadas aos quadros da Coleção Gulbenkian, expostos no Museu das Janelas Verdes.

Com a amável acquiescência da Fundação Gulbenkian e do seu illustre presidente, nosso consócio, foram oferecidos algumas publicações sobre os quadros expostos, tendo as visitas sido dirigidas, como sempre em questões de arte, pelo nosso consócio Sr. Prof. Armando de Lucena que aproveitou o ensejo, não só para falar dos quadros e autores expostos, como também para expor duas notáveis lições de arte a-propósito da época em que os quadros referidos foram pintados.

Em Dezembro, a 8, como largamento os jornais referiram, prestamos simbólica homenagem aos combatentes de Angola, colocando uma lápida na fachada do antigo Convento dos Marianos, às Janelas Verdes, assinalando terem ali estado depositados os restos mortais de Salvador Correia de Sá e Benevides o reconquistador de Angola na época da Restauração. À cerimónia, que foi presidida pelo representante do Presidente da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, assistiram numerosas pessoas e o nosso Secretário Geral proferiu algumas palavras que neste número de OLISIPO se publicam.

A 17, na Igreja de S. Vicente de Fora, realizou-se um concerto de órgão em que foi executante obsequioso, o organista titular da Igreja de Oeiras, o Ex.^{mo} Sr. António Joaquim Freire Garcia. o concerto foi precedido e encerrado, com palavras do Rev. Paroco, o nosso consócio Sr. Padre José Correia da Cunha, e a história do instrumento e as peças e autores executados, com notas explicativas do nosso consócio Sr. Luís Artur Esteves Pereira.

Qualquer destas actividades teve larga concorrência de sócios e a elas se referiu largamente a Imprensa.





O Chalet das canas no Campo Grande

A propósito deste artigo, publicado no último número de OLISIPO, o nosso consócio Sr. José Martires Pessoa da Luz, a quem já se agradeceu a informação, telefonou-nos a rectificar que na

linha 8, da primeira coluna da página 198, do n.º 96 desta revista, onde está *oriental* se deve lêr *ocidental*, o mesmo nos diz uma pessoa que se assina «Um casmurro de oitenta anos», em postal que nos dirigiu. E assim é.

N. da R.

A PROPÓSITO DO XXV ANIVERSÁRIO DO GRUPO

•

Felicitações e Ofertas

A acrescentar à lista publicada há que referir a oferta de um quadro a óleo do pintor Sr. Vieira, representando um trecho do Parque Eduardo VII, oferta do nosso consócio Ex.^{mo} Sr. Dr. António Luiz Gomes, e os cumprimentos recebidos da Direcção da CASA DAS BEIRAS, do INSTITUTO DE ESTUDOS PORTUGUESES da Universidade da Baía e da ASSOCIAÇÃO CULTURAL «AMIGOS DO PORTO».

ACÇÃO CULTURAL

Durante o ano de 1961

VISITAS DE ESTUDO

Janeiro

- 15 e 22 - Ao *Museu Nacional de Arte Contemporânea*, dirigida pelo nosso consócio Sr. Professor Armando de Lucena.
- 26 - À *Exposição Cartografia e Iconografia comemorativa do 5.º centenário da morte do Infante D. Henrique*, no Palácio da Ega à Junqueira, dirigida pelo Sr. Dr. Alberto Iria com a colaboração das Srs.ª Dr.ª D. Natália Carqueijeiro e D. Raquel Pousão Lopes.

Fevereiro

- 17 - Ao *Serviço Social da Administração Militar*, no Beato, dirigida pelo nosso consócio e sub-director daquele Estabelecimento Sr. Tenente Coronel José Henriques de Sousa.

Março

- 19 - Às novas instalações dos *Altos Estudos Militares*, em Pedrouços, dirigida pelo Sr. Coronel Cortês dos Santos com a colaboração dos Srs. tenente-coronel Soares de Oliveira e capitães Teixeira e Silva e tenente Pires.

Maior

- 28 - À *Sé de Lisboa*, estando também patente, na ocasião, o seu rico tesouro, dirigida pelo Sr. Conego Manuel Luís.

Junho

- 11 - Ao *Monumento de Cristo Rei*, em Almada, e ao antigo *Convento dos Capuchos*, em Caparica, sendo esta última dirigida pelos Srs. Vice-Presidente da Câmara de Almada e Presidente da Comissão de Turismo.
- 25 - Ao *Mosteiro dos Jerónimos*, em Belém, e *Secção Pina Manique*, da Casa Pia de Lisboa, dirigida pelo nosso consócio Sr. Francisco de Oliveira Martins e Engs. Armando Saraiva e António do Amaral.

Julho

- 9 - Às instalações do *Ateneu Comercial de Lisboa*, nosso associado, dirigida pelo seu Presidente Sr. Dr. Américo Marinho, com a colaboração dos seus colegas na Direcção o nosso consócio Sr. Jorge Rebelo e Sr. Fernando Cunha.
- 23 - Às Linhas de Defesa de Lisboa — *Linhas de Torres* —, por Runa, Cucos, Torres Vedras e Varatojo, dirigida pelo nosso director Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento com a colaboração dos nossos consócios Srs. General Pereira do Vale e Brigadeiro Esteves Pereira.
- 27 - Aos melhoramentos de Alfama, *Roteiro Turístico*, sob a direcção Sr. Ângelo Fernandes, funcionário superior do Município.

Agosto

- 6 - Ao *Museu de Arte*, na Casa dos Patudos, em Alpiarça, dirigida pela Sr.^a D. Dália Pratas.

Novembro

- 12 - Ao *Palácio da Ega*, na Junqueira, dirigida pelo Sr. Dr. Alberto Iria, director do Arquivo Histórico Ultramarino, ali instalado.
- 19 e 26 - À *Exposição Gulbenkian*, patente no Museu Nacional de Arte Antiga, nas Janelas Verdes, dirigida pelo nosso consócio Sr. Prof. Armando de Lucena.

COLÓQUIOS OLISIPONENSES

Janeiro

- 26 - Com a colaboração do nosso consócio Sr. Mário de Sampaio Ribeiro e director Sr. Dr. Eduardo Neves, referindo-se o primeiro à *Data da morte do Padre-Mestre Filipe de Magalhães*, lendo notícias recortadas do jornal *Gabinete Literário das Fontainhas*, publicado em Goa em 1846.

Julho

- 20 - Com a colaboração dos nossos directores Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento e Fernandes Dias Pereira, que dissertaram, respectivamente, sobre *As linhas de Torres na defesa de Lisboa* e *Achega para a história duma rua*, e o vice-presidente da Assembleia Geral Sr. Teodoro Lopes Ramos que evocou os sócios fundadores e dirigentes do Grupo no último quarto de século. — Os vinte e cinco anos dos «Amigos de Lisboa».

Novembro

- 16 - Com a colaboração dos nossos directores Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, Dr. Eduardo Neves e Mário Costa, que falaram respectivamente, sobre *Coisas de outros tempos*, *Alguns apontamentos bibliográficos* e *D. Pedro V transmitiu à sua Corte a nostalgia do seu viver*.

CONFERÊNCIAS

Fevereiro

- 23 - *Eça de Queirós e o Chiado*, pelo Sr. Dr. Luís de Oliveira Guimarães.

Março

- 23 - *Alguns episódios pouco conhecidos ou já esquecidos da vida de Camilo Castelo Branco*, pelo nosso consócio Sr. Nuno Catarino Cardoso.

Maio

- 18 - *Em louvor duma insigne figura lisboeta*, pelo nosso director Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos.
25 - *Santo António de Lisboa no nome duma Banza nos Dembos*, (Angola), pelo consócio Sr. Coronel José Ribeiro da Costa Júnior.

Junho

- 22 - *Santo António na Cultura da Idade Média*, pelo Rev. Padre Henrique Pinto Rema.

MISSAS

Junho

- 10 - Missa celebrada em S. Vicente de Fora pelo nosso consócio Sr. Padre José Correia da Cunha, em comemoração do 25.º aniversário do Grupo e por intenção dos sócios falecidos.

ALMOÇO COMEMORATIVO

Julho

- 22 - Almoço comemorativo do 25.º aniversário do Grupo, na Quinta de S. Vicente, em Telheiras, e visita à capela da Quinta e Igreja do antigo Convento de Nossa Senhora das Portas do Céu, na Estrada de Telheiras.

FEIRA DO LIVRO

Junho - Julho

- 22 a 9 - *Feira do Livro*, a convite do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros de Portugal.

EXPOSIÇÕES

Junho

- 8 - Inauguração da *Exposição Antoniana* (de fotografias e espécies bibliográficas) da colecção do nosso director Er. Eng. Júlio Eduardo dos Santos.

LÁPIDE

Dezembro

- 8 - Descerramento duma lápide na fachada da Igreja do antigo *Convento dos Marianos*, a Santos, a assinalar que estiveram ali depositados os restos mortais de Salvador Correia de Sá e Benevides, o reconquistador de Angola, aos holandeses.

CONCERTO DE ÓRGÃO

Dezembro

- 17 - Concerto de órgão, em S. Vicente de Fora, em comemoração do 25.º aniversário do Grupo, pelo organista Sr. António Joaquim Freire Garcia, tendo antes usado da palavra os nossos consócios Srs. Padre José Correia da Cunha, paroco da freguesia, e Luís Esteves Pereira.

AS CANETAS, LAPISEIRAS, ESFEROGRÁFICAS
E TINTAS MAIS DESEJADAS DO MUNDO

Parker



167, Rua do Ouro, 173

— LISBOA —

PAPELARIA DA MODA

ANTÓNIO VIEIRA, LDA.

TODOS OS ARTIGOS DE
PAPELARIA E ESCRITÓRIO,
MATERIAL ESCOLAR E
ARTIGOS DE DESENHO

— SEMPRE NOVIDADES —

Telefs. 32 42 69 - 32 43 47

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VARIA

PREÇOS
Sócios Público

Evocação do Café Martinho		esgotado
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins		esgotado
Olisipos (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
Jantar de Confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00
A cor de Lisboa	13\$50	15\$00

A. VIEIRA DA SILVA

* O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
* A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
* Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa		esgotado
* Fantasias sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

DR. ALFREDO DA CUNHA

* Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe	13\$50	15\$00
A Torre do Bugio	18\$00	20\$00

DR. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA

Dicionário Excêntrico	36\$00	40\$00
------------------------------	--------	--------

DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

O Enigma de Lisboa	7\$00	7\$50
---------------------------	-------	-------

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

* A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
* O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
* Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
* Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

DR. EDUARDO NEVES

Uma recordação sebástica no Sítio da Luz		esgotado
Um arcebispo Primaz		>
João Alberto Pereira de Azevedo Neves		>
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho		>

* Edição do Grupo.

DR. EDUARDO NEVES

	PREÇOS	
	Sócios	Público
Ruínas do Carmo		esgotado
Igreja da Penha de França		»
Faculdade de Medicina		»
Lisboa nos Ex-Libris		»
Lisboa na Numismática e na Medalhística		»
O Convento dos Barbadinhos Italianos		»
Do Sítio do Intendente		»
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa		»
Alocuções		»
* Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580	15\$00	20\$00
Um Pintor Romântico Francês em Lisboa, em 1837		esgotado

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

* A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
----------------------------------	--------	--------

FRANCISCO LEITE DE FARIA

Lisboa e S. Lourenço de Brindes	13\$50	15\$00
Alvorço na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio	13\$50	15\$00
A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou	13\$50	15\$00

FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS

O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa	18\$00	20\$00

DR. GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
D. Gilberto	13\$50	15\$00

GODOFREDO FERREIRA

Um ricaço lisboeta do século XVII		esgotado
--	--	----------

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

* Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00
---------------------------	--------	--------

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
---	-------	--------

* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Sócios	Público
J. S. VIEIRA		
O Convento dos Marianos		esgotado
JOÃO MONTEIRO		
Estrada de Sacavém	27\$00	30\$00
JOAQUIM ROQUE DA FONSECA		
A Urbanização de Lisboa	13\$50	15\$00
JULIETA FERRÃO		
Lisboa 1870		esgotado
ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Junho de 1960 — Estoril ...	9\$00	10\$00
LUÍS MOITA		
A Ermida de Santo Amaro		esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa»	12\$50	12\$50
LUIZ PASTOR DE MACEDO		
* Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00
LUÍS TEIXEIRA		
* O «Diário de Notícias» e o Século XIX	4\$00	5\$00
DR. MANUEL VICENTE MOREIRA		
Jardins de Lisboa e Porto	9\$00	10\$00
Lisboa Oriental	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação	27\$00	30\$00
MÁRIO COSTA		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada	18\$00	20\$00
O Palácio do Manteigueiro	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda	45\$00	50\$00
O Sítio de Santo Amaro	18\$00	20\$00
Duas facas de mato notáveis		esgotado
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra		esgotado
A Igreja de S. Julião e o seu Patrono — Uma freguesia que Lisboa perdeu	18\$00	20\$00

* Edição do Grupo.

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

PREÇOS
Sócios Público

* A Igreja da Conceição Velha	esgotado	
* A Igreja e o Convento da Graça	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém	45\$00	50\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de		
N. S. da Oliveira de Lisboa	18\$00	20\$00
A Calçada da Ajuda	esgotado	

NORBERTO DE ARAÚJO

* Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
---	-------	--------

NUNO CATHARINO CARDOSO

Infante D. Henrique — Nótulas históricas	9\$00	10\$00
---	-------	--------

RUY DE ANDRADE

* Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas		
da edilícia citadina	9\$00	10\$00

DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro	18\$00	20\$00

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge de Arroios	esgotado	
--	----------	--

TINOP

* Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. cada	13\$50	15\$00
--	--------	--------

* Edição do Grupo.



BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 321368 - 321227 - 30054 — LISBOA

A

LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

450 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

AGÊNCIA DE VIAGENS

CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÃO,
(Industriais, etc.)
EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

Pérola do Rossio

Limitada

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 · Lisboa · Telef. 32 07 44



GAIVOTAS, LDA.

FÁBRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

•
**ON PARLE
FRANÇAIS**

•
**ENGLISH
SPOKEN**

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

•
Rua Augusta, 161 - Telef. 32 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA

•
Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

Edifício do Cruzeiro—ESTORIL

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

—
Grandes e pequenas quantidades

—
LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58 • Telef. 32 8663 • **LISBOA**

RONDA DOS BAIRROS



ESTRELA



bairro da Estrela, numa das colinas de Lisboa, tem um certo ar de mundo à parte, com fronteiras bem defendidas dos outros bairros que o rodeiam.

Dir-se-ia um oásis de socego, nesta cidade alegre e buliçosa, que todos os dias cresce, sem pedir licença

a ninguém.

O seu maravilhoso jardim, o de Guerra Junqueiro, a que o povo, teimosamente, continua a chamar Jardim da Estrela, é um verdadeiro paraíso, onde não faltam árvores, flores, grutas, lagos e recantos para repouso do corpo e do espírito.

A Basílica da Estrela — com o seu alto zimbório, onde se pode subir para admirar um vastíssimo panorama de Lisboa, e um presépio monumental com encantadoras figurinhas esculpidas por Machado de Castro — é outro motivo que classifica este bairro como um dos mais interessantes da capital. Percorrê-lo, lentamente, é um delicioso passeio que sinceramente recomendamos a quem deseje conhecer esta cidade num dos seus aspectos mais socegados e tranquilos.

Servem este bairro os «eléctricos» das carreiras 25, 26 e 28; e os autocarros das carreiras 9, 13 e 22.



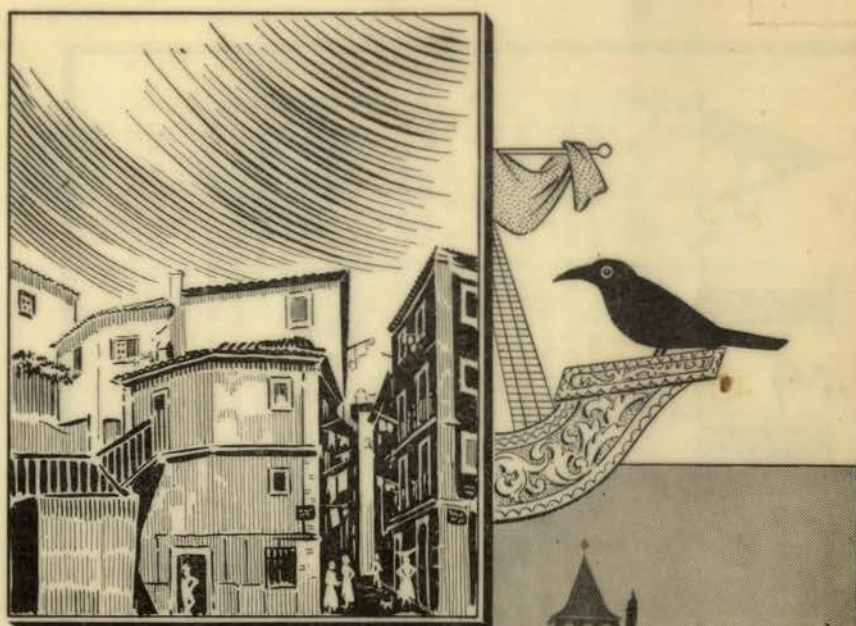
SENA SUGAR ESTATES, LTD.

PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM

LUABO e MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL